

SÓ ONTEM FORAM RECOLHIDAS 18 TONELADAS DE LIXO ELEITORAL. LIMPEZA TERMINA EM UMA SEMANA

BRASÍLIA FAZ FAXINA

Marcio Vieira
Da equipe do Correio

Chegou agora de limpar a casa. Ou melhor, as ruas, postes e avenidas do Distrito Federal que amanheceram repletas de toneladas de propaganda eleitoral. Desde o início da manhã de ontem, 1.700 homens e mulheres do Serviço de Limpeza Urbana (SLU), em conjunto com sindicatos de carroceiros, começaram o recolhimento do lixo que os candidatos aos cargos eleitorais deixaram pelo DF. Foram utilizados 20 caminhões coletores e 20 caçambas para auxiliar na faxina.

A meta é de que até hoje à noite todo o Distrito Federal fique livre dessa sujeira, que posso afirmar ser uma das maiores de todas as eleições que já aconteceram na região", afirma o chefe da Divisão de Limpeza Urbana do SLU, Raimundo Paulo de Sobral. Contudo, o brasileiro terá que conviver ainda com uma boa parte da poluição visual deixada nos postes, pirulitos e bancos de praças. "Os pirulitos, bancos de praças, pontos de ônibus e postes que têm cartazes colados deverão levar oito dias para serem limpos porque precisamos utilizar jatos de água", explica.

Até as 14h30, 13.200 toneladas de lixo já haviam sido recolhidas em todo o DF e levadas para o Serviço de Operações da Usina de Tratamento de Lixo (Soute), no final da Asa Sul. "Até o final do dia chegaremos facilmente às 18 toneladas", frisa o chefe de operações da usina, Paulo Guilhermedos Santos. Segundo ele, 180 catadores de papel da Associação Pre-Cooperativista dos Recicladores de Brasília estão trabalhando em conjunto com o SLU.

"Eles rateiam as toneladas entre si para sempre vendidas a empresas que reciclam papéis", conta Santos. Ele diz que nem toda as 13 toneladas que haviam chegado à usina poderiam ser usadas para reciclagem. "Havia muita madeira e arame colados aos cartazes e santinhos que não poderão ser utilizados. Talvez isso explique a ausência de catadores autônomos de papéis, uma vez que eles não têm técnicas para fazer a triagem e as empresas somente compram papéis e papelão em bom estado", comenta Rodrigues.

Segundo ele, muitos papéis ficaram inutilizados para reciclagem porque absorveram mancha devido às chuvas esporádicas e à mistura com os plásticos coloridos de campanha. "Hoje já vi três kombis com propaganda eleitoral chegando para serem vendidas aqui", revela um dos porteiros da Novo Rio Papéis, que não quis se identificar. Ele conta que a empresa compra por R\$ 0,03 o quilo. Para chegar a um salário mínimo (R\$ 120), o catador de papéis tem de vender quatro toneladas.

SUJEIRA

Para desespero dos moradores da Candangolândia, a cidade foi considerada a mais suja em todo o DF. "Candidatos passavam por aqui e jogavam santinhos e cartazes pelas janelas", observa o chefe do Distrito da Asa Sul do SLU, William Monteiro, responsável pela limpeza de Candangolândia, São Sebastião, Núcleo Bandeirante, Guará I e II, Asa Sul e Lago Sul. "Nessas áreas temos 650 homens e mulheres trabalhando."

A ajudante de cozinha desempregada Zirlanda Souza Leite, moradora da quadra J, da Candangolândia, não se conformava com o que via na frente de sua casa assim que acordava. "Estava tudo tomado por santinhos, cartazes e papéis com fotos de candidatos. "Uma verdadeira sujeira é o pior é que com o nosso imposto que essa sujeira é limpa", reclama.

Cançada de encontrar a porta de

casa repleta de propaganda eleitoral, ela não se conteve. "Acordei cedo para limpar pelo menos a frente da minha casa", conta ela, olhando desolada a infinidade de papéis espalhados pelo local. "Voto em Taguatinga. Quando voltei para casa não pude acreditar no quadro que via. Os candidatos jogavam nas ruas cartazes e santinhos", diz ela, endossando as palavras do chefe do Distrito da Asa Sul do SLU.

LIMPEZA

Os 1,7 mil limpadores que trabalham em três turnos enfrentavam um calor de 33 graus para deixar o DF de cara nova. Entre esse exército da limpeza quem chamava a atenção era a catadora de papéis Maria Rodrigues Santos, 34 anos, grávida de sete meses. "É lixo que não acaba mais mais, mas temos que limpar, não é?", comenta ela, que ainda teve de levar a filha Ana Beatriz, de 6 anos, para o trabalho. Ela catava papéis junto com Irene de Souza.

"Moro sozinha e não tenho com quem deixá-la", explica. "Além disso, preciso do trabalho e não posso me dar ao luxo de perdê-lo", argumenta ela, que trabalha há quatro meses no Sindicato dos Carroceiros da Ceilândia, um dos trabalham em conjunto com o SLU.

Sempre com um sorriso nos lábios, a única reclamação que ela faz é sobre o calor. "Poderiam nos dar água mais vezes", reclama. A idéia que passa pela cabeça do brasiliense quando a cidade fica infestada de propaganda eleitoral pode ser traduzida em uma declaração da ajudante de cozinha desempregada Zirlanda Leite. "E ainda vem mais propaganda no segundo turno", diz ela, conformada.